

“O meu pai era judeu português”: as raízes portuguesas de Henriette Herz de Lemos como motor da revolução intelectual berlinense à volta de 1800

INÊS THOMAS ALMEIDA

INET-md, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa¹

RESUMO

“O meu pai era judeu português” – assim começam as memórias de Henriette Herz, nascida Henriette Benveniste de Lemos, pioneira da cultura de salão berlinense e uma das mais fascinantes figuras intelectuais femininas da Alemanha do fim do século XVIII. Esta *salonnière* fundou, em 1780, o primeiro salão literário de Berlim, onde recebeu alguns dos nomes mais marcantes da época, discutiu e difundiu as correntes da vanguarda intelectual, e foi, entre outros, professora de Wilhelm von Humboldt, fundador da Universidade de Berlim, e do seu irmão, o célebre naturalista Alexander von Humboldt. Neste artigo, defende-se que, mais do que um acaso da História, por uma série de circunstâncias, as raízes portuguesas de Henriette Herz foram determinantes na sua acção impulsadora do movimento pré-romântico e das importantes transformações sociais e intelectuais do pensamento alemão à volta de 1800.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-Romantismo Alemão, Salões de Berlim, Sefarditas, Diáspora, Benveniste de Lemos

ABSTRACT

“My father was a Portuguese Jew” – with these words begin the memoirs of Henriette Herz, born Henriette Benveniste de Lemos, pioneer of the Berlin salon culture and one of Germany’s most fascinating names of the late eighteenth century. This *salonnière* founded in 1780 the first Berlin literary salon, where she welcomed some of the most remarkable people of her time, discussed and spread the currents of the intellectual vanguard and was a teacher of Wilhelm von Humboldt, founder of the University of Berlin, and of his brother, the remarkable naturalist Alexander von Humboldt, among others. In this article, I defend that, more than an historical coincidence, Henriette Herz’s Portuguese origin was decisive for her supporting role in the pre-Romantic movement and the important social and intellectual transformations of German thought around 1800.

¹ Bolseira da FCT do Programa Doutoral “Música Como Cultura e Cognição”, PD/BI/128472/2017

* Texto recebido a 22 de Janeiro de 2017. Aceite para publicação a 21 de Junho de 2017.

KEYWORDS: German Pre-Romanticism, Berlin Salons, Sephardim, Diaspora, Benveniste de Lemos

Na viragem do século XVIII para o XIX, estabelece-se em Berlim uma cultura de salão que marca e acompanha a passagem do Iluminismo Alemão (em alemão: *Aufklärung*) ao Pré-Romantismo, continuando depois, no século XIX, no seio da estética romântica. É nestes locais de verdadeira ebulição intelectual que se discutem novas ideias e se encontram personagens tão centrais para a vida social, cultural e política da Alemanha como Moses Mendelssohn, os irmãos Humboldt, os irmãos Schlegel, Rahel Varnhagen ou Clemens Brentano. Ao mesmo tempo, surge nos círculos asquenazitas um movimento judaico – a chamada *Haskala* – que se ocupará da renovação do judaísmo sob a sigla da tolerância religiosa, favorecerá todas as manifestações culturais nas mais diversas vertentes, e terá um valor incalculável na propagação de todo o pensamento humanista, da filosofia às ciências, da literatura às artes, extravasando, em muito, o círculo judaico e tornando-se numa referência de peso na viragem do século. Este Iluminismo judaico, do qual Moses Mendelssohn é o pioneiro e o maior impulsionador, será alimentado, sobretudo, nos salões berlinenses à volta de 1800, autênticas forjas do pensamento progressista, onde nasce o culto a Kant e a Goethe, se criam revistas, livros e jornais, num fortalecimento constante deste novo paradigma.¹ Num primeiro momento, os salões berlinenses saem da comunidade hebraica de Berlim: alguns exemplos importantes são o salão de Philippine Cohen (1801-1804), o de Amalia Beer (1801-1816), o famosíssimo salão literário de Rahel Levin, mais tarde Rahel Varnhagen (1790-1806), o salão musical de Lea Mendelssohn e da sua filha Fanny Mendelssohn-Bartholdy (1823-1847), e o salão musical de Sara Levy a partir de 1795, intrinsecamente relacionado com a génese da famosa Singakademie Berlin². O modelo dos salões hebraicos será rapidamente imitado por toda a sociedade, chegando mesmo a própria rainha Luísa da

¹ Moses Mendelssohn teve um papel significativo na própria definição do conceito de Luzes (em alemão: *Aufklärung*). Veja-se, a este respeito: Moses Mendelssohn, *Über die Frage: Was heißt aufklären?*, *Berlinische Monatsschrift*, nr. 4, 1784; e José Esteves Pereira, “Kant. A resposta à pergunta: O que são as luzes?”, *Cultura, História e Filosofia*, vol. III, 1984, pp. 153–168.

² A melómata Sara Levy será uma das grandes mecenas da Singakademie, associação musical que, entre outros feitos, será responsável pela redescoberta, edição e execução das obras de J. S. Bach, sendo disso exemplo a lendária primeira audição moderna da Paixão Segundo São Mateus, em 1829, dirigida pelo compositor Felix Mendelssohn-Bartholdy (neto do supracitado filósofo Moses Mendelssohn).

Prússia a ter um salão a partir de 1797³. Na *Berliner Aufklärung*, à volta de 1800, os salões desempenham, assim, um papel crucial, sendo a pioneira de todo este movimento a sefardita de origem portuguesa Henriette Herz que, juntamente com o seu marido Marcus Herz, cria o primeiro salão berlinense, o famoso e bem frequentado *Doppelsalon*, que abre as suas portas em 1780 e perdurará até 1804.

Origens portuguesas de Henriette Herz

Henriette Herz, de seu nome de solteira Henriette Benveniste de Lemos, nasceu a 5 de Setembro de 1764, em Berlim. Dela nos conta a *Allgemeine Deutsche Biographie*, em 1880:⁴

Já antes do seu casamento, e especialmente durante o mesmo, [Henriette Herz] adquiriu uma vasta educação. Aprendeu vários idiomas, entre os quais o grego [...]. É digna de nota, não só pela extensão do seu conhecimento ou pelo seu raciocínio claro, mas pela importantíssima posição que ocupava na vida social do seu tempo. Devia-o, em grande parte, à sua beleza maravilhosa [...], em parte à facilidade em ter uma conversa e à capacidade de dirigir um salão. Assim, a sua casa foi e permaneceu durante décadas o centro da vida social, ponto de encontro de diplomatas, artistas e escritores, que aqui se reuniam e prestavam homenagem à bela anfitriã.⁵

Esses diplomatas, artistas e escritores eram, nada menos, que os mais importantes nomes da ciência, filosofia, literatura e política do seu tempo, como o filósofo Friedrich Schleiermacher, o linguista e diplomata Wilhelm von Humboldt, o seu irmão o explorador Alexander von Humboldt, o filólogo Friedrich Schlegel

³ Deborah Hertz, *Jewish High Society in Old Regime Berlin*, Syracuse, New York, Syracuse University Press, 2005.

⁴ Todas as traduções apresentadas neste artigo, salvo indicação em contrário, são feitas pela autora.

⁵ Historische Commission Bei Der Königl. Akademie Der Wissenschaften, *Allgemeine Deutsche Biographie*, München/Leipzig, Duncker & Humblot, 1880, p. 259. Disponível em <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/bsb00008370/images/index.html?id=00008370&groesser=150&fip=193.174.98.30&no=&seite=261> (consultado em 19-01-2017): “Schon vor der Zeit ihrer Ehe, aber namentlich während derselben, erwarb sie sich eine reiche Bildung. Sie lernte viele Sprachen, u.a. auch die griechische [...] weder wegen ihres ausgebreiteten Wissens, noch wegen ihres klaren Verstandes verdient sie eine rühmliche Erwähnung, sondern wegen der großartigen Stellung, welche sie in dem gesellschaftlichen Leben ihrer Zeit einnahm. Diese verdankte sie zum großen Theil ihrer wunderbaren Schönheit [...], zum Theil ihrer Leichtigkeit, eine Unterhaltung zu führen, ihrer Fertigkeit, einen Salon zu bilden. So wurde und blieb ihr Haus Jahrzehnte lang Mittelpunkt des geselligen Lebens, Versammlungsort für Diplomaten, Künstler und Schriftsteller, die sich hier trafen und der schönen Herrin des Hauses huldigten”.

(que no salão de Henriette conheceu a melhor amiga desta e sua futura esposa, Brendel Mendelssohn, mais tarde conhecida como Dorothea Schlegel), ou o Príncipe Louis Ferdinand da Prússia, entre muitos outros. Conheceu pessoalmente os poetas Jean Paul, Schiller e Goethe, esteve no centro de todas as atenções e foi admirada e venerada pela nata da intelectualidade judaica e cristã do seu tempo, chegando mesmo a ser popular uma frase que dizia: “Quem não viu o Gendarmen Markt e a Madame Herz, não viu Berlim”⁶. A razão do sucesso de Henriette é possivelmente uma mistura entre beleza, mencionada por todos os relatos dos seus contemporâneos, inteligência e as fortes competências sociais, bem como o facto de o seu marido ser um conhecido médico, com uma elevada posição social dentro e fora da comunidade judaica. No entanto, analisando a sua biografia, a educação que recebeu, as importantes transformações sociais da comunidade judaica, bem como a biografia do mentor dessas transformações, e o momento histórico em geral, descobrimos um factor comum que, porventura, terá ajudado Henriette Herz a desempenhar (ou mesmo possibilitado) este lugar de vanguarda como promotora das mais importantes discussões estéticas do Antigo Regime: as suas raízes portuguesas.

O pai de Henriette era o médico Benjamin Benveniste de Lemos (1711-1789)⁷, judeu sefardita de Hamburgo. Não se sabe exactamente a data da ida para a Alemanha dos Benveniste. Nas suas memórias, Henriette Herz diz que os avós do seu pai fugiram de Portugal para escapar às mãos da Inquisição⁸, mas esta pode ser uma referência em sentido lato. Nas pedras tumulares do cemitério sefardita de Hamburgo, o nome De Lemos está sempre associado ao apelido Benveniste, o que evidencia, por um lado, o uso do apelido cristão e, por outro lado, a manutenção latente do nome judeu durante os anos de conversão forçada.

⁶ Rainer Schmitz (ed.), *Henriette Herz. In Erinnerungen, Briefen und Zeugnissen*, Berlin, Die Andere Bibliothek, 2013, p. 483: “Man hatte sonst ein Sprichwort: Wer den Gensd’armenmarkt und Mad. Herz nicht gesehen, hat Berlin nicht gesehen”. Esta edição de Rainer Schmitz é uma compilação, não crítica e não-anotada, de vários documentos: o manuscrito autógráfo das memórias de infância e juventude de Henriette Herz, a biografia que a própria teria ditado a Joseph Fürst, e numerosas cartas de ou para Henriette Herz, que se encontram espalhadas por diversos arquivos. Neste artigo, são citadas na edição de Schmitz as passagens epistolares e as memórias tardias, sendo as passagens referentes às memórias de infância citadas directamente a partir do manuscrito.

⁷ Bernt Engelman, “Henriette Herz”, *Mein Vater war portugiesischer Jude. Die sefardische Einwanderung nach Norddeutschland um 1600 und ihre Auswirkung auf unsere Kultur*. Ed. Bernt Engelman e Sabine Kruse, Göttingen, Steidl, 1992, pp.145-150.

⁸ Henriette Herz, *Jugenderinnerungen von Henriette Herz*, Mitteilungen aus dem Litteraturarchive in Berlin 56, 1896, p. 142. Disponível em: <http://sophie.byu.edu/sections/jugenderinnerungen-von-henriette-herz> (consultado em 19-01-2017).

A comunidade sefardita de Hamburgo

A comunidade sefardita de Hamburgo foi fundada no século XVI por famílias que tentavam escapar da perseguição inquisitorial. As grandes cidades do norte da Europa como Amesterdão e Hamburgo, garantiam aos judeus algumas liberdades como autorização de residência, o exercício da profissão e várias vantagens comerciais. É assim que emigram para Hamburgo famílias portuguesas que, graças ao seu *know-how*, ao grau de instrução e às muitas ligações internacionais que mantinham, rapidamente refizeram fortuna na cidade hanseática através do comércio de especiarias, tabaco e açúcar⁹. Cresce, então, uma enorme assimetria em relação aos judeus alemães ou asquenazitas, geralmente com poucas habilitações e de fracas posses, impedidos de viver no centro e que se refugiam, assim, em Altona, nos arredores de Hamburgo, trabalhando muitas vezes para os sefarditas ricos, que os chamavam depreciativamente de “tudescos”. Esta diferença entre as duas comunidades judias de Hamburgo – os asquenazitas modestos, os sefarditas ricos e eruditos – é especialmente visível nas pedras tumulares do antigo cemitério judaico de Hamburgo: sefarditas e asquenazitas estão separados por um muro; enquanto, do lado asquenazita, se vêem pedras simples em formato tradicional e com inscrições em hebraico, do lado sefardita, as pedras são em vários tamanhos, há sarcófagos e mausoléus, as inscrições são em português e em hebraico, os túmulos estão ricamente decorados com relevos, brasões, ornamentos em basalto e até mármore¹⁰.

A comunidade sefardita de Hamburgo é, assim, uma fonte de prosperidade, da qual saíam tradicionalmente grandes comerciantes, banqueiros, médicos e boticários. Mas não é apenas no plano comercial que esta comunidade se destaca: havia um intenso intercâmbio intelectual, teológico e filosófico entre eruditos sefarditas e cristãos, atestado pelas volumosas bibliotecas dos rabinos e estudiosos sefarditas de Hamburgo, que tinham “inúmeros escritos teológicos cristãos, bem como a literatura clássica dos séculos XVI e XVII em língua espanhola,

⁹ Michael Studemund-Halévy, “Jerusalem des Nordens oder Universale Fremde werden heimisch”, *Portugal in Hamburg*. Ed. ZEIT-Stiftung Ebelin und Gerd Bucerius, Hamburg, Ellert & Richter Verlag, 2007, pp. 28-73.

¹⁰ Michael Studemund-Halévy, “Über den Tod hinaus. Sefhardische Grabkunst in der Alten und in der Neuen Welt”, *icomos – Hefte des Deutschen Nationalkomittes*, n.º 53, 2011, pp. 170-179.

portuguesa, italiana e francesa”¹¹. É precisamente aqui que se encontra a abastada família Benveniste.

A família Benveniste em Hamburgo

No magnífico estudo feito por Rochelle Weinstein¹² sobre as pedras tumulares sefarditas do cemitério de Altona, existe informação preciosa sobre as relações familiares e a genealogia dos Benveniste de Lemos. O nome Benveniste, nas pedras tumulares, está associado ao nome secular De Lemos, ou seja, ao nome que esta família adoptou em Portugal sob a capa da conversão, sendo Benveniste o nome original judaico. Através do estudo detalhado tanto das inscrições tumulares, como dos livros de registos, levado a cabo por Weinstein, é possível traçar a seguinte árvore genealógica de Henriette Herz:¹³

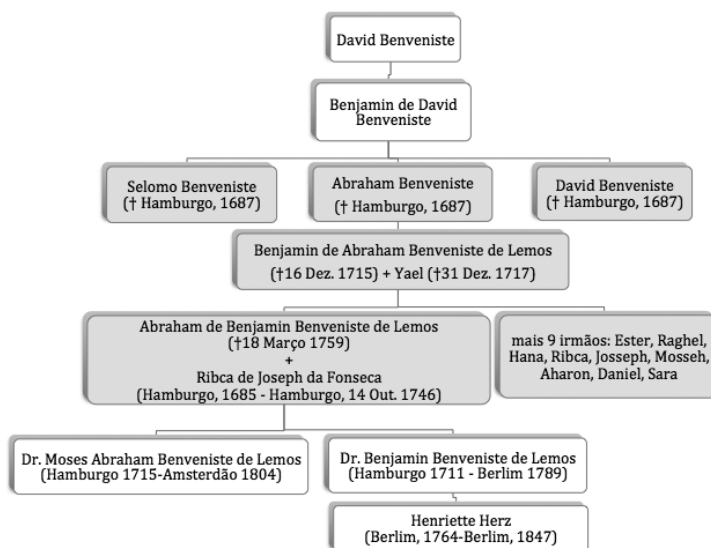


FIG. 1: Árvore genealógica da família Benveniste em Hamburgo

¹¹ Studemund-Halévy, *Portugal in Hamburg*, p. 52: “Die Bibliotheken der sefardischen Rabbiner und Gelehrten in Hamburg und Amsterdam mit ihren zahllosen christlich-theologischen Schriften und Predigten sowie der klassischen Literatur des 16. und 17. Jahrhunderts in spanischer, portugiesischer, italienischer und französischer Sprache”.

¹² Rochelle Weinstein, “The Storied Stones of Altona. Biblical Imagery on Sefardic Tombstones at the Jewish Cemetery of Altona-Königstraße, Hamburg”, *Die Sefarden in Hamburg. Geschichte einer Minderheit*. Ed. Michael Studemund-Halévy, vol. 2, Hamburg, Helmut Buske Verlag, 1997, pp. 551-660.

¹³ Para as biografias e genealogias da comunidade sefardita de Hamburgo, consultar também Michael Studemund-Halévy, *Biographisches Lexicon der Hamburger Sefarden*, Hamburg, Christians Verlag, 2000.

Os nomes a cinzento correspondem àqueles que estão sepultados em Hamburgo. As campas são, sem excepção, ricamente decoradas e trabalhadas, fazendo uso das melhores técnicas do seu tempo e com várias alusões tanto às posses, como às ocupações dos sepultados, dando a entender estarmos inequivocamente perante uma família abastada e pertencente a uma refinada elite intelectual. O primeiro antepassado directo de Henriette Herz a ser sepultado em Hamburgo é um certo Abraham Benveniste, cujo túmulo data de 1687. No seu registo de óbito vem indicado que é filho de Benjamin de David Benveniste e, pelo patronímico, podemos deduzir que este seria filho de David Benveniste. Mas teriam estes dois últimos vivido igualmente em Hamburgo? Do trabalho de Weinstein depreendemos que existe um ramo dos Benveniste que veio de Itália, fruto de uma migração anterior da família portuguesa no século XVI – é o caso do *Haham* Jacob Benveniste, oriundo de um ramo de estudiosos e tipógrafos¹⁴. Também existem registos contemporâneos do cemitério de Ouderkerk, na Holanda, para o nome Benveniste a partir de 1664¹⁵ e vários registos posteriores de presença em Amesterdão. Teriam os antepassados de Henriette Herz vindo, então, directamente de Portugal, ou antes de outros lugares?

No fundo do Tribunal do Santo Ofício, conservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, encontra-se para o apelido Lemos, no período entre 1600 e 1700, 44 documentos. Sendo que o apelido Lemos pode referir tanto famílias cristãs-velhas, como famílias de cristãos-novos, encontramos desde diligências de habilitação a ofícios e, sobretudo, processos inquisitoriais levantados contra cristãos-novos. Entre os vários documentos, há um que sobressai: o processo por culpas de Judaísmo de Luís Dias de Lemos, decorrido entre 1635 e 1638¹⁶, no qual se diz claramente que o condenado vive em Hamburgo. Do processo de trinta folhas, consta que o réu tinha 50 anos de idade, era mercador, casado e tinha morado em Lisboa antes de se estabelecer em Hamburgo. Logo no início, lê-se:

Culpas de judaismo de Luís Dias de Lemos, christão novo natural de Lisboa, morador em Amburgo, partes de Flandres. Do testemunho de Antonio Gonçalvez, marinheiro, morador nesta cidade. O qual foi chamado à meza por haver informação que tinha ido à ditta cidade de Amburgo e conhecia os Portuguezes.

¹⁴ Weinstein, *op. cit.*, p. 592.

¹⁵ Weinstein, *op. cit.*, p. 602.

¹⁶ Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo n.º 7119, fl. 3.

Pouco depois, refere-se que o réu era residente em Hamburgo já em 1630. Portanto, temos indicação clara de que, pelo menos entre 1630 e 1638, viveu em Hamburgo um Luís Dias de Lemos que tinha nascido em Lisboa. O documento não indica qual era o nome judaico pelo qual o réu seria conhecido em Hamburgo.

Tratar-se-á do primeiro membro da família Lemos/Benveniste que chegou a Hamburgo? A ser verdade esta hipótese, é pouco provável que fosse um dos três irmãos Benveniste falecidos em 1687, pois isso significaria que teria vivido até aos 99 anos (o que não é de excluir, porém improvável). Por outro lado, se se tratasse do tetravô de Henriette, Benjamin de David Benveniste, seria estranho a sua pedra tumular não estar no cemitério de Hamburgo. Luís Dias de Lemos poderia ter sido antes um parente que, procurando a fuga à Inquisição, ali se juntou aos seus familiares já existentes. Convém frisar que existem no cemitério sefardita de Altona/Hamburgo alguns nomes da família Benveniste/De Lemos que não fazem parte da linha directa de Henriette como, por exemplo, um certo Isaac Benveniste de Lemos, falecido em 1667, e que, do ponto de vista da longevidade, já mais facilmente poderia corresponder a Luís Dias. Fosse ele, então, um antepassado directo de Henriette ou tão somente um tio-avoengo, o que é certo é que Luís Dias de Lemos nasceu em Lisboa e emigrou para Hamburgo antes de 1638, como também é certo que antes de 1687 não há no cemitério de Hamburgo nenhum registo tumular com o nome de Lemos. Parece, assim, razoavelmente seguro afirmar que foi em meados do século XVII que a família portuguesa de Lemos/Benveniste se fixou em Hamburgo (vinda de Portugal ou não), e que, para a primeira metade desse século, existe registo de migrações dessa família desde Portugal até à cidade hanseática, o que reforça claramente a tese da sua ligação directa a Portugal.

Benjamin de Lemos

Saltemos, agora, algumas gerações e centremo-nos no pai de Henriette. Benjamin de Lemos estudou medicina na cidade alemã de Halle, graduando-se em 1735. Foi um dos primeiros judeus a ser admitido num curso universitário alemão de Medicina – só em 1721 é que uma universidade alemã outorgou, pela primeira vez, um diploma de Medicina a um aluno judeu; até então, os judeus aprendiam as ciências médicas entre si, não sendo tolerada a sua presença em universidades cristãs, muitos optando por frequentar universidades na Flandres

(como Leiden) ou em cidades italianas (como Pádua, Pisa ou Bolonha)¹⁷. Enquanto estudante em Halle, Benjamin de Lemos alugava um quarto em casa do médico Samuel Simon Charleville, por cuja irmã, Chana Charleville, se apaixonou, tendo casado com ela. Esta união foi feita contra a expressa vontade do pai de Benjamin, o comerciante Abraham de Lemos, para quem uma união entre um judeu sefardita português e uma judia asquenazita de origem polaca e alemã era simplesmente inaceitável. Desta união resultaram duas filhas, ambas falecidas na mais tenra infância, tendo a sua mulher falecido também pouco depois.¹⁸ Após uma estadia em Dessau, de Lemos regressou a Berlim, onde consta, desde 1744, como médico da comunidade hebraica. Foi o primeiro director do Hospital Judeu de Berlim, fundado em 1756. Já com cinquenta e dois anos, casou com Esther Charleville, sobrinha da sua falecida mulher, que tinha à data apenas vinte e um anos¹⁹. Deste casamento resultaram cinco filhas e dois filhos, sendo Henriette a mais velha.

Benjamin de Lemos gozava de grande renome e estatuto na comunidade hebraica de Berlim. Rapidamente se juntou ao círculo dos judeus eruditos e se tornou visita frequente na casa do filósofo Moses Mendelssohn, o grande impulsionador do Iluminismo berlinense e da emancipação judaica, de quem se tornou médico de família. Foi aí que travou conhecimento com o seu colega, futuro sucessor como director do Hospital Judaico, e futuro genro, Marcus Herz, na altura conhecido em Berlim como aluno e amigo de Immanuel Kant e grande propagador das suas ideias filosóficas²⁰. Henriette Herz cresceu em estreito contacto com a família Mendelssohn, tornando-se amiga de infância da filha mais velha de Moses, Brendel, que tinha a mesma idade de Henriette e se casaria com o filósofo Friedrich Schlegel, ficando conhecida para a História como Dorothea Schlegel. Henriette muitas vezes terá ouvido, quer em sua casa, quer na de Moses, conversas eruditas sobre os temas da intelectualidade de então. A relação com a mãe era difícil e, nas suas memórias, só há lugar para queixas e recordações de conflitos e injustiças. Já com o pai a relação era de completa adoração, e as suas horas mais felizes eram aquelas em que o pai, concentrado na leitura, a deixava sentar-se a seu lado para que lesse também. O exemplo da

¹⁷ Monika Richarz, *Der Eintritt der Juden in die akademischen Berufe. Jüdische Studenten und Akademiker in Deutschland 1678-1848*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1974, pp. 28-50.

¹⁸ Jacob Jacobson, *Jüdische Trauungen in Berlin 1759 bis 1813: Mit Ergänzung für die Jahre von 1723 bis 1759*, Berlin, Walter de Gruyter & Co, 1986, p. 112.

¹⁹ Jacobson, *op. cit.*, p. 112.

²⁰ Udo Quak, *Henriette Herz. Glücklich schöne Stunden hatte ich*, Berlin, epubli, 2014, p. 15.

erudição aguçou o espírito curioso de Henriette, leitora ávida, amante da música e frequentadora assídua da biblioteca, constantemente castigada pela mãe por ler demasiado, sendo para seu grande desgosto enviada para aulas de costura²¹. O modelo de Henriette é claramente o pai²². Benjamin de Lemos encarregar-se-á de instruir a filha, ensinando-lhe línguas e incutindo-lhe o gosto pela leitura. Aos 12 anos, segundo a tradição judaica, Henriette celebra o noivado com o futuro marido, o médico Marcus Herz, tendo o casamento sido efectuado três anos mais tarde, em 1779. Ela tinha quinze anos, ele trinta e dois. Marcus Herz continuará a educação de Henriette, que aprendeu a falar e escrever fluentemente alemão, hebraico, grego, latim, francês, inglês, italiano, português e dinamarquês, e tinha ainda conhecimentos de turco, malaio e sânscrito²³.

Marcus Herz

Marcus Herz (1747-1803) nasceu em Berlim, no seio de uma família muito modesta. Os pais enviaram-no, aos quinze anos, para Königsberg (actual Kaliningrado), para que aprendesse, nesta cidade portuária, o ofício de comerciante. Mas, em vez disso, e mostrando ser já possuidor de um espírito brilhante e de uma enorme curiosidade científica, o jovem Marcus Herz inscreve-se, em 1766, na Universidade de Königsberg, no curso de Medicina e Filosofia. É nesta universidade que trava conhecimento com um dos maiores vultos do Iluminismo: Immanuel Kant.

À data da chegada de Herz a Königsberg, Kant era já um conhecido *Privatdozent* da universidade, isto é, um professor universitário cujas aulas, embora pertencendo ao currículo académico, eram pagas não pela universidade, mas sim pelos próprios alunos. Leccionava disciplinas de teor filosófico como Lógica, Metafísica, Antropologia, Filosofia da Moral ou Teologia, mas também científico, como Matemática, Física, Mecânica, Geografia, Ciências da Natureza e Pedagogia²⁴. As suas palestras tinham fama de ser memoráveis e eram frequentadas por verdadeiras multidões, de tal forma que os alunos enchiam não

²¹ Herz, *op. cit.*, pp. 157-158.

²² Deborah Hertz, *How Jews became Germans. The History of Conversion and Assimilation in Berlin*, London, Yale University Press, 2007, pp. 46-47.

²³ Deborah Hertz, *Jewish High Society in Old Regime Berlin*, New York, Syracuse University Press, 2005, p. 99.

²⁴ Uwe Schultz, *Immanuel Kant*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 2003, p. 172.

só a sala prevista para o efeito, como também a ante-sala e toda a escadaria²⁵. As suas aulas eram, segundo relatos dos seus alunos, repletas de bom humor e de anedotas relacionadas com os temas tratados. Kant era conhecido não só pelo brilhantismo do seu intelecto, mas também pelo seu espírito sociável, cultivando reuniões regulares em sua casa, à hora do almoço, tanto com alunos, como com professores de renome. Este gosto pelas reuniões sociais, pelo debate apaixonado de temas filosóficos em ambiente misto de especialistas e de iniciantes, são características que terão, porventura, influenciado o jovem Marcus Herz, e que veremos replicadas mais tarde no seu salão berlinense.

Em pouco tempo, Herz tornou-se o aluno preferido de Kant, que reconheceu no discípulo enorme inteligência e talento. Um testemunho da admiração de Kant pelo seu aluno e do seu reconhecimento, enquanto professor, das capacidades intelectuais de Herz é o facto inédito de Kant ter nomeado o seu aluno de 23 anos para ser “respondente” da sua tese para obtenção da cátedra²⁶, isto é, fazer a defesa pública desta tese, apresentada a 20 de Agosto de 1770 à Universidade de Königsberg. A nomeação de um aluno para fazer a defesa da tese pode causar estranheza, visto que na nossa prática académica moderna o defensor da tese é sempre impreterivelmente o próprio autor. No entanto, era prática corrente, no século XVIII, na Alemanha e na Suécia, a tese de doutoramento ou habilitação de um estudante ser escrita por um professor ou *praeses*, sendo reservado ao aluno apenas a tarefa de a defender perante um júri. O aluno tinha, pois, o dever de entender de tal forma a dissertação do seu mestre, a ponto de ser capaz de defendê-la perante um grupo de oponentes²⁷. Assim, Kant nomeou o seu discípulo Marcus Herz para que assumisse o papel de seu defensor, e outros três estudantes para serem os oponentes, enquanto o próprio Kant presidiu ao júri como *praeses* ou autor, como era comum à época. Esta nomeação era, antes de mais, uma enorme deferência e reconhecimento para com um aluno brilhante, incumbido de responder em seu nome às perguntas dos oponentes. Assim enaltecido, o

²⁵ Karl Vorländer, *Immanuel Kant: Der Mann und das Werk*, Leipzig, Meiner, 1924. Disponível em <http://www.textlog.de/vorlaender-kant.html> (consultado em 19-01-2017).

²⁶ Na capa da primeira edição da dissertação lê-se: “*De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis. Dissertatio pro Loco Professoris log. et metaph. ordinarii rite sibi vindicando... Resp. munere fungitur Marcus Herz, Berolinensis, gente Judaeus, medicinae et philosophiae cultor...*”. Johann Biester, “Kant und Herz”, *Neue Berlinische Monatsschrift – Jänner bis Juni 1805*. Ed. Johann Biester, vol. 13, Berlin & Stettin, Friedrich Nicolai, p. 150.

²⁷ Kevin Chang, “Kant’s Disputation of 1770: the dissertation and the communication of knowledge in early modern europe”, *Endeavour*, vol. 31, n.º 2, 2007, pp. 45-49. Disponível em http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic1276296.files/Session%201/Chang_2007_Kant%20Disputation.pdf (consultado em 19-01-2017).

nome de Marcus Herz surge no título da cópia escrita da dissertação, ficando, desta forma, para sempre e publicamente ligado ao do seu mestre, protector e amigo. Por razões financeiras, Herz viu-se obrigado a terminar a sua estadia em Königsberg e regressar a Berlim. A amizade com Kant será uma constante em toda a sua vida e manter-se-á até à sua morte, em 1804. Dez anos depois de deixar Königsberg, Herz fará em Berlim apresentações públicas e regulares da obra do seu amigo e mentor, contribuindo, de forma impactante e decisiva, para o conhecimento do pensamento kantiano na Alemanha.

No dia da defesa da tese, Kant enviou uma cópia com dedicatória a Frederico o Grande da Prússia; nas semanas seguintes, enviou cópias aos mais eminentes intelectuais da época, como Johann Heinrich Lambert, Johann Georg Sulzer e o filósofo Moses Mendelssohn, juntamente com cartas de recomendação, emulando Marcus Herz e pedindo que o acolhessem nos círculos berlinenses²⁸. É, então, graças a Kant que Marcus Herz, inicialmente destinado a ser um simples comerciante na cidade portuária de Königsberg, entra pela porta principal no circuito intelectual de Berlim, com um trunfo admirável e munido das maiores recomendações. Conhece assim Moses Mendelssohn, a quem Kant tinha em enorme conta e cujos escritos conhecia profundamente, pelo menos, a partir de 1763, ano em que ambos participaram num concurso de filosofia da Academia Berlinense de Ciências, tendo a tese de Mendelssohn ganho o primeiro prémio em detrimento da de Kant. Anos mais tarde, em 1781, Kant escreveria no prólogo da sua obra *Prolegomena*: “Não é qualquer pessoa que consegue escrever de forma tão subtil e ao mesmo tempo tão cativante como David Hume, nem de maneira tão fundamentada e elegante como Moses Mendelssohn”²⁹. Mendelssohn apresentou Herz a outro homem que teria um papel igualmente decisivo na sua carreira e na sua formação: David Friedländer, grande mecenas das artes e ciências, um dos nomes na vanguarda da *Haskala* ou Iluminismo judaico. Tornou-se amigo de Marcus e tomou-o como seu protegido, prontificando-se a pagar-lhe os estudos. Graças ao apoio financeiro de Friedländer, Herz pôde continuar e terminar o seu curso de Medicina no Collegium medicum-chirurgicum de Berlim, seguindo depois para a Universidade de Halle, onde concluiu o seu Doutoramento em 1774. Nesse mesmo ano, regressa a Berlim, tornando-se, pouco tempo depois,

²⁸ Ludwig Geiger, “Herz, Markus”, *Allgemeine Deutsche Biographie*, bd. 12, Leipzig, 1880, pp. 261-262. Disponível em https://de.wikisource.org/wiki/ADB:Herz,_Markus (consultado em 19-01-2017).

²⁹ Stephen Trec, *Moses Mendelssohn*, Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag, 2007, p. 45: “Es ist nicht jedermann gegeben, so subtil und doch zugleich so anlockend zu schreiben als David Hume oder so gründlich und dabei so elegant als Moses Mendelssohn”.

médico do Hospital Judaico desta cidade, cujo director era Benjamin de Lemos, pai de Henriette, sucedendo-lhe no cargo em 1782.

O casal Herz na vanguarda do debate intelectual berlinense: o *Doppelsalon*

Para Henriette, o casamento e a vida comum com Marcus Herz foi como uma libertação: finalmente saía da alçada da mãe e podia levar a sua vida como entendesse. Marcus Herz assumiu, por seu turno, o papel de mentor e educador de Henriette, apreciando as capacidades intelectuais da sua esposa-aluna, numa mistura de papéis que aparentemente agradava ao casal: a Marcus, por ter uma esposa inteligente e bonita, elogiada pela intelectualidade berlinense, a Henriette, por poder aprender e sobretudo ler livremente, como tinha aprendido com o pai, livre dos espartilhos educacionais da mãe. Marcus Herz mostra livros novos à jovem esposa, dá-lhe aulas, apresenta-a à alta sociedade³⁰, educa-a como sua assistente nas palestras científico-filosóficas que realiza em sua casa, onde Henriette maneja os aparelhos necessários para as demonstrações de Física Experimental feitas pelo marido. Enquanto Marcus perfilha o espírito iluminista, que coloca a Razão acima de tudo, fazendo a apologia da Ciência e da Filosofia racionalista, Henriette vai encarnar o novíssimo espírito romântico que preza a subjectividade, o sentimento, as emoções e o contributo próprio e inigualável de cada um.

No seu pioneiro salão, o casal Herz dividia as áreas de especialidade: numa sala, Marcus Herz discursava sobre Filosofia e Física Experimental, enquanto, noutra sala diferente, Henriette reunia intelectuais à volta de conversas literárias³¹. Henriette Herz era uma admiradora confessa de Goethe, cujo espírito inovadoramente romântico estava longe de gerar consenso. Henriette torna-se rapidamente uma das suas mais ferozes defensoras e vai promover, no seu salão a leitura, a interpretação e discussão das suas obras:

O aparecimento de *Götz [von Berlichingen]* e do *Werther*, de Goethe, assinala um ponto de viragem na Literatura. É compreensível que, de forma geral, tenha conseqüentemente havido uma cisão a nível literário [entre admiradores e detractores]. [...] A mim, jovem

³⁰ Ulrich Janetzki (ed.), *Henriette Herz. Berliner Salon. Erinnerungen und Portraits*, Frankfurt-Berlin-Wien, Ullstein Taschenbuch, 1984, pp. 19, 39, 43.

³¹ Hertz, *How Jews became Germans...*, *op. cit.*, pp. 46-47.

mulher dotada de uma viva fantasia, tudo me atraía para esse novo sol nascente, que era Goethe³².

Aparentemente, Henriette teria mesmo chegado a conhecer pessoalmente o famoso escritor. O editor berlinense Johann Daniel Sander, numa carta a Carl August Böttiger, datada de 25 de Março de 1797, escreve:

Madame Herz é uma bela cabeça com um tronco disforme. Mas há 12 (rectificação: 19) anos, quando Goethe passou por Berlim, esse tronco não era ainda disforme, pelo que Madame Herz recebeu de Goethe várias visitas e se tornou desde então uma sua acérrima admiradora.³³

Marcus Herz organizava as discussões no seu salão como se de conferências se tratassem: segundo a *Allgemeine Deutsche Biographie*³⁴, chegava mesmo a elaborar e imprimir compêndios para distribuir nas várias sessões, que atraíam um público misto de especialistas e de interessados, de estudiosos e também pessoas alheias ao ramo científico e filosófico, que vinham ver com os seus próprios olhos estas sessões imensamente populares. Nas suas memórias, diz Henriette Herz: “As sessões eram muito bem frequentadas e traziam muitos estranhos a nossa casa. Os instrumentos eram muito bons, e algumas experiências menos conhecidas atraíam curiosos e interessados, como os filhos e os irmãos do nosso Rei, se bem que entre os primeiros apenas tenha vindo o pequeno príncipe herdeiro, então com 5 anos”³⁵. Muitos eruditos da cidade viam em Herz uma autoridade científica, por exemplo Johann Christian Kunth, o perceptor dos irmãos Wilhelm e Alexander von Humboldt, que pouco depois introduziu os seus pupilos, então com 17 e 15 anos, a Marcus e Henriette Herz.

³² Schmitz, *op. cit.*, p. 27: “Das Erscheinen von Goethes >Götz< und >Werther< bezeichnete einen Wendepunkt in der schönen Literatur. Es ist begreiflich, daß ein solcher zugleich eine allgemeine literarische Parteiung zur Folge haben mußte. [...] Mich, die junge, mit lebhafter Phantasie begabte Frau zog alles zu der neu auftauchenden Sonne, zu Goethe, hin”.

³³ Schmitz, *op. cit.*, p. 476: “Madame Herz ist ein feiner Kopf mit einem unförmlichen Rumpfe. Dieser Rumpf war aber vor zwölf [recte 19] Jahren, als Goethe sich einmal in Berlin aufhielt, noch nicht unförmlich. Madame Herz bekam dafür von Goethe Besuche, u. ist seitdem seine geschworne Verehrerin”. Esta passagem é bastante curiosa, já que a esmagadora maioria das descrições da época realça a beleza de Henriette Herz.

³⁴ Historische Commission Bei Der Königl. Akademie Der Wissenschaften, *op. cit.*, p. 261.

³⁵ Herz, *op. cit.*, p. 181: “Die Vorlesungen waren von vielen Vornehmen besucht u. führten viele Fremde ins Haus - Die Instrumente waren vorzüglich gut, u. manche Experimente die wenig noch bekandt waren zogen neu- u. lerngerige herbei, so die Kinder unseres Königs u. seine Brüder - doch von den ersten nur den damals 5jährigen Kronprinzen”.

Henriette Herz e os irmãos von Humboldt

Os irmãos von Humboldt tiveram, como é sobejamente conhecido, uma influência de peso na vida política, científica e cultural da Alemanha. Alexander foi um conhecido naturalista e explorador, e é considerado actualmente o pai da Geografia moderna; Wilhelm foi linguista, político e diplomata, motor da reforma do sistema de ensino da Prússia e o fundador da Universidade de Berlim, que ainda hoje leva o seu nome. O pai morreu cedo, e a mãe de ambos, dona do luxuoso palácio Tegel, apostou numa educação primorosa para os seus filhos, tendo contratado Johann Christian Kunth para os instruir em todas as áreas que lhes permitissem, mais tarde, ser altos funcionários da corte. A educação dos irmãos Humboldt no palácio de Tegel era extremamente rígida e severa, pelo que tanto mais teriam apreciado a leveza e a liberdade que se vivia no salão dos Herz. Aqui, para além de assistirem às palestras de Marcus Herz e às tertúlias literárias de Henriette, tornaram-se alunos desta última, que lhes ensinou hebraico. Vindos de uma educação privada elitista, conservadora e rigorosa – em cartas a Henriette Herz, Alexander von Humboldt referia-se ao palácio de Tegel como “Schloß Langeweile” (Palácio do Aborrecimento)³⁶ – os promissores adolescentes encontram no salão cosmopolita dos Herz uma abertura e uma dinâmica que lhes abriu novas perspectivas e onde puderam inequivocamente beber muita da sua formação científica e humanística essencial. Quando anos mais tarde, em 1827, Alexander, de espírito mais irrequieto que o irmão, arrebatou o público berlinense com uma palestra formalmente brilhante, o seu antigo orientador Kunth comentou a Henriette Herz: “Não é de mim que isto veio!”, numa referência ao papel do salão dos Herz na educação do cientista³⁷.

Mas não foi apenas Alexander quem ficou profundamente marcado por estes encontros. Wilhelm apaixonou-se por Henriette e manteve com ela uma relação epistolar amorosa, mesmo depois de ter saído de Berlim, chegando muitas das cartas a ser escritas num hebraico perfeito, mostrando a capacidade do aluno e os bons ensinamentos da professora. Em 1785, Henriette formou, no seu salão, uma espécie de clube dentro do clube, a Aliança da Virtude ou *Tugendbund*, da qual faziam parte figuras ilustres como as filhas de Moses Mendelssohn, Henriette

³⁶ Schmitz, *op. cit.*, p. 62.

³⁷ Schmitz, *op. cit.*, p. 76.

e Brendel, e o próprio Wilhelm von Humboldt. O *Tugendbund* manteve-se até 1792 e chegou mesmo a possuir estatutos formais. Destinava-se, nas palavras de Henriette Herz, a promover a “deferência e a educação mútuas, bem como o exercício do amor”³⁸. O exercício do amor ficou, de resto, bem documentado na correspondência entre Wilhelm von Humboldt e Henriette Herz. Diz Wilhelm:

Como posso eu alguma vez agradecer-lhe o suficiente pela sua simpática presença no meu destino, e pela sua preocupação amigável [...] Se sentisse, [...] se soubesse, cara Henriette, quão cara me é, como é grande a sua influência, e de tudo o que me diz, e do que me escreve, em mim, na minha alma inteira.³⁹

A atracção de Humboldt era tanto física quanto (e talvez sobretudo) intelectual, mostrando em que boa conta o futuro fundador da Universidade de Berlim tinha a luso-descendente sefardita. A propósito de um baile onde foi impelido a ir, e onde, para seu grande aborrecimento, teve de dançar horas a fio, diz a Henriette Herz:

De resto pude sentir como a dança traz tão pouco prazer quando a companhia não vale a pena. Mas, perguntar-me-á, era assim tão má a companhia, tão aborrecida? Não, querida amiga, havia raparigas mesmo bonitas, algumas até belas, e dançavam muito bem; faltava-lhes porém mais espírito e mais instrução, e, como sabe, eu estou muito mal habituado.⁴⁰

O tom da correspondência com Henriette Herz é de namoro, com confissões, laivos de ciúmes, arrulhos e coração aberto:

Eu não falo de si a ninguém e só relutantemente [...] pois a minha boca e a minha cara confessam demasiado aquilo que sinto por si.⁴¹

³⁸ Schmitz, *op. cit.*, p. 76.

³⁹ Schmitz, *op. cit.*, p. 195: “Wie kann ich Ihnen je genug für Ihre herzliche Teilnehmung an meinem Schicksal für Ihre freundschaftliche Besorgnis danken [...] Wenn Sie es je fühlten, [...] wenn Sie wissen, was Sie, teuerste Henriette, mir sind, welchen Einfluß Sie und das, was Sie mir sagen, oder was Sie mir schreiben, auf mich, auf die ganze Stimmung meiner Seele hat”.

⁴⁰ Schmitz, *op. cit.*, p. 200: “Sonst habe ich recht gefühlt, wie wenig Vergnügen das Tanzen gewährt, wenn einem die Gesellschaft, mit der man tanzt, nicht wert ist. Aber, werden Sie fragen, war denn die Gesellschaft so schlecht, so langweilig? Das eben nicht, liebste Freundin, es waren recht hübsche Mädchen, ein paar sogar schön, auch tanzten sie sehr gut; es fehlte ihnen nur etwas mehr Geist und Bildung, und Sie wissen es, ich bin einmal verwöhnt”.

⁴¹ Schmitz, *op. cit.*, p. 205: “Ich spreche sogar überhaupt ungern von Ihnen [...], sonst verrät mein Mund und mein Gesicht zu sehr, was ich für Sie empfinde”.

Oh boa, querida Henriette! Não posso repetir demais este nome, que é mais caro ao meu coração que tudo, tão infinitamente mais caro do que qualquer outro, para toda a eternidade!⁴²

Não se esqueça que não há nenhum lugar do mundo onde eu me sinta melhor do que a seu lado, querida amiga⁴³.

Não falta à correspondência sequer o esperado toque erótico:

E tu, amada, fiel Jette [diminutivo de Henriette], como me encantou a tua carta, a expressão ingênua do teu amor que irradia em cada palavra! Toda a noite sonhei contigo, como nos beijávamos, como eu me ajoelhava em frente ao teu colo, e como nos fitávamos [...] Deus, como eu te amo⁴⁴.

Estas e muitas outras juras de amor são presença constante na correspondência de ambos, sem que, no entanto, haja qualquer indício concreto de que esta paixão tenha passado para lá do nível platônico. O “exercício do amor” terminou para todos os aliados aparentemente em 1792. Wilhelm casou em 1791 com outra das participantes da Aliança da Virtude, Caroline von Dacheröden (depois Caroline von Humboldt), que fora apresentada a Wilhelm por Henriette. Em 1789, Wilhelm escreveu à sua futura esposa: “A maior parte da educação do meu coração devo-a à nossa Jette”⁴⁵. Em concreto, uma coisa terá aprendido com Henriette Herz: a falar sobre si próprio. A exposição e análise dos sentimentos, a capacidade de abrir o coração e falar claramente de todos os estados de alma, eram parte dos estatutos e do programa explicitamente esperado do *Tugendbund*. Longe dos espartilhos morais e da contenção rígida de Tegel, Wilhelm aprendeu com Herz a fazer uma certa auto-análise, que lhe terá sido útil, anos mais tarde, como político e diplomata. Terá, porventura, sido também neste círculo, misto

⁴² Schmitz, *op. cit.*, p. 206: “O Sie gute, liebe Henriette! Ich kann den Namen nicht genug wiederholen, der meinem Herzen so über alles, so unendlich mehr als jeder andere teuer ist, und ewig sein wird!”.

⁴³ Schmitz, *op. cit.*, p. 197: “Glauben Sie darum nicht, daß ich vielleicht jetzt noch die liebe, von denen ich Ihnen in meinem ersten Briefe ein paarmal schrieb. Das war nicht rechte Liebe; damals hielt ich es wohl dafür. Aber ich fühl es, die war es nicht, die hätte sonst länger gedauert. Nehmen Sie nun diese innere Stimmung meiner Seele, denken Sie jene äußere Lage, von der wir noch gestern sprachen, hinzu, vergessen Sie auch ja nicht, daß ich nirgends auf der Welt so gern bin als bei Ihnen, teuerste Freundin”.

⁴⁴ Schmitz, *op. cit.*, p. 216: “Und Du, geliebte, traute Jette, wie hat mich Dein Brief entzückt, wie der naive Ausdruck Deiner Liebe, die aus jedem Worte hervorleuchtet! Die ganze Nacht träumte ich von Dir, und wie wir uns küßten, und wie ich vor Deine, Schoß auf den Knien lag, und wie wir uns ansahen [...] Gott, wie ich Dich liebe”.

⁴⁵ Schmitz, *op. cit.*, p. 606: “Den größten Teil der Bildung meines Herzens verdanke ich unserer Jette”.

de judeus e cristãos, onde os afectos estavam tão acima de qualquer discussão religiosa, que Wilhelm e o seu irmão Alexander aprenderam a tolerância, e a aceitar cada pessoa pelo seu valor próprio.

Se Wilhelm se deixou arrebatado pelos encantos de Henriette, é, no entanto, Alexander que se irá recordar dela e ampará-la na velhice. Em 1845, o então influente cientista e diplomata, que, pelos seus relatos de viagens e inúmeros escritos sobre as suas explorações no continente americano e a sua visão globalizante da Natureza, tinha alcançado na Europa o estatuto de uma verdadeira celebridade, intercedeu pessoalmente junto do rei da Prússia para que este concedesse a Henriette, há muito viúva e em situação económica precária, uma pensão anual vitalícia, que pôde, assim, garantir-lhe os últimos anos da velhice. A 20 de Novembro desse ano, escreve Alexander a Henriette: “O Rei escreveu ontem mesmo um bilhete a G.C.R. Müller com o meu pedido, e onde expressava explicitamente que lhe deverão ser dadas através da minha pessoa cinquenta francos de ouro para o presente ano, e a partir do dia 1 de janeiro de 1846 uma pensão anual de quinhentos táleres”⁴⁶. O venerando explorador alemão, então com 76 anos, despede-se da sua antiga professora com um delicioso “mit alter Verehrung” – com antiga admiração.

A *Haskala*

Para compreender o papel importantíssimo dos salões judaicos, detenhamo-nos um pouco sobre a génese e o significado da *Haskala*. A *Haskala*, ou emancipação judaica, começa sensivelmente em meados do século XVIII e termina em 1812, com o *Preussischer Gleichstellungsgesetz*, que, supostamente, dá aos judeus o estatuto de cidadãos mas, ao mesmo tempo, engloba uma série de medidas discriminatórias que marcarão o reacender do antissemitismo e dificultarão progressivamente as tentativas de criação de uma sociedade aberta e tolerante.⁴⁷ O grande mentor da *Haskala* é o filósofo Moses Mendelssohn, cujo

⁴⁶ Schmitz, *op. cit.*, p. 469: “Der König hat nämlich gestern abend schon ein Handbillet an G.C.R. Müller geschrieben, diesem meine Eingabe geschickt und auf das bestimmteste ausgedrückt, es sollen Ihnen jetzt durch mich für das laufende Jahr fünfzig Stück Fr. d’or gebracht werden, und vom 1. Jan. 1846 an sollen Sie lebenslänglich eine jährliche Pension von fünfhundert Talern ziehen”.

⁴⁷ Sobre a *Haskalah*, consulte-se, entre muitos outros: Moshe Pelli, *Haskalah and Beyond: The Reception of The Hebrew Enlightenment and the Emergence of Haskalah Judaism*, Lanhan Md, University Press of America, 2010; Shmuel Feiner, *The Jewish Enlightenment*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2011;

papel fulcral na formação do Iluminismo judaico tem sido bem documentado na literatura especializada⁴⁸. A *Haskala* está intrinsecamente ligada ao Iluminismo/*Aufklärung* e ambos fenómenos são indissociáveis, pela enorme troca intelectual entre cristãos e não-cristãos e todos os avanços que daí advieram. Essa troca parte de uma reacção à segregação dos judeus e visava marcar a pertença ao movimento intelectual europeu; uma forma de abrir a cultura judaica aos valores e ao pensamento cristão e, por outro lado, valorizar essa mesma cultura numa sociedade mista. Moses Mendelssohn personifica esta reacção e procura, como ninguém, conjugar, através do seu exemplo pessoal e dos seus escritos, a dualidade da tradição judaica e do Iluminismo ou Humanismo progressista. Escreveu importantes textos filosóficos, manteve correspondência com Kant, ganhou o prémio de filosofia da Academia Prussiana das Ciências e foi, durante anos, crítico de literatura, conquistando um lugar de enorme respeito e admiração entre os seus pares. Uma das características importantes dos salões berlinenses é, assim, o facto da erudição estar francamente à frente da religião: o que une os seus frequentadores é o culto da intelectualidade, o livre debate de ideias, o fascínio pelo conhecimento, em encontros onde se juntam judeus, luteranos, calvinistas, huguenotes, pietistas e católicos. A título de exemplo, refira-se a amizade do dito Mendelssohn com o escritor e dramaturgo Gottfried Ephraim Lessing, cristão protestante, que, durante três anos, foi seu convidado e parceiro de conversas filosóficas diárias entre as sete e as nove da manhã, antes de Mendelssohn ir para a fábrica de seda onde assumia funções como contabilista (a peça de teatro de Lessing *Nathan, o Sábio*, sobre a tolerância religiosa, que é hoje em dia leitura obrigatória nos programas do ensino secundário alemão, faz, através da personagem principal do judeu sábio, iluminado e bom, uma notória homenagem a Moses Mendelssohn)⁴⁹.

Dan Diner, David B. Ruderman (ed.), *Early Modern Culture and Haskalah*, Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 2007.

⁴⁸ Leia-se a este respeito, por exemplo, Steffen Martus, *Aufklärung. Das deutsche 18. Jahrhundert. Ein Epochenbild*, Berlin, Rowohlt Verlag, 2015, pp. 844-863; e Britta L. Behm, *Moses Mendelssohn und die Transformation der jüdischen Erziehung in Berlin*, Münster, New York, München, Berlin, Waxmann, 2002.

⁴⁹ Gottphried Ephraim Lessing (1729-1781) foi, além de autor de uma vasta obra teatral, um influente pensador e filósofo, intrinsecamente ligado ao ideal iluminista de superação e esclarecimento da Humanidade através da pedagogia e da Razão. A sua peça de teatro *Minna von Barnhelm* é considerada essencial na construção de um novo paradigma estético que tinha por epicentro a burguesia. Na sua obra filosófica obra maior, *Die Erziehung des Menschengeschlechts* (A Educação do Género Humano), Lessing defende a tolerância religiosa como fundamental para a formação moral e intelectual da Humanidade. Sobre Lessing, consultar: Monika Fick, *Lessing Hanbuch. Leben-Werk-Wirkung*, Stuttgart, J.B. Metzler, 2016; Hugh Barr Nisbet, *Lessing. Eine Biographie*, München, C.H. Beck Verlag, 2008.

Os grandes temas da *Haskala* são, assim, a possibilidade de conciliar, ou não, o rito judaico com a vida comum numa sociedade cristã; a necessidade de abertura; o debate entre integração versus aculturação; a observação, ou não, das tradições mais ortodoxas. Um dos temas em foco será o uso da língua, acompanhando a tendência europeia para a valorização das línguas nacionais. É nesta altura que se começa a introduzir, pela primeira vez, o debate sobre o alemão servir ou não para expressar ideias científicas, posição essa defendida por Christian Wolff (Breslau, 1679 – Halle, 1754), aluno de Leibniz, cujo pensamento terá enorme influência em Berlim. Moses Mendelssohn adere ao debate do Wolfismo e, por extrapolação, vê na aprendizagem e uso correcto do alemão uma condição necessária para a entrada dos judeus na sociedade alemã. A preocupação de Mendelssohn com a língua remonta aos seus anos de aprendizagem em Dessau, onde, por um genial golpe da História, se cruza com o mundo sefardita e com a comunidade portuguesa de Hamburgo. Detenhamo-nos nessa aprendizagem.

A educação de Moses Mendelssohn: o professor David Fränkel

Nascido em 1729, Moses, ou Mausche, era filho de Mendel Heymann, alias Menachem Chaim, um pobre rabino que dava aulas a crianças e fazia pequenas tarefas na sinagoga. O pequeno Moses tinha uma saúde debilitada e uma deformação física (era extremamente pequeno e tinha uma corcunda) que só se veio a revelar totalmente a meio da infância. O pai apostou na educação do filho e, reza a lenda, levava-o todas as madrugadas às costas para a escola rabínica, embrulhado numa manta para o proteger do frio⁵⁰. A excepcional aptidão da criança foi cedo descoberta pelo seu professor, que recomendou que prosseguisse os seus estudos e, quando fez dez anos, o pai levou-o para ser ensinado por David Fränkel, um reconhecido pedagogo vindo nada mais nada menos que da cidade de Hamburgo, conhecida pela sua próspera e educada elite sefardita portuguesa.

David Fränkel nasceu em Hamburgo, numa antiga família asquenazita de apelido Mirel, e trabalhou como joalheiro antes de se ter tornado num conhecido rabi, famoso pelos seus vastos conhecimentos do Talmud. Apesar de asquenazita,

⁵⁰ Meyer Kayserling, *Moses Mendelssohn. Sein Leben und seine Werke*, Leipzig, Hermann Mendelssohn, 1862, pp. 3-4.

David Mirel Fränkel tomou certamente, desde cedo, contacto com os sefarditas portugueses, que representavam o núcleo erudito da cidade, e que seria inevitável numa cidade em que a chamada “Nação Portuguesa” era conhecida pelos seus eminentes membros cosmopolitas, educados, políglotas e abastados.

Maimónides e Moses Mendelssohn: fascínio pela cultura sefardita

Não é, portanto, de estranhar que David Fränkel tivesse tomado contacto com este mundo, ao qual um estudioso judeu vivendo na cidade hanseática não poderia, de forma alguma, ter ficado alheio. Um dos grandes interesses que o acompanhou ao longo da vida foi o filósofo sefardita Maimónides (ca. 1138-1204), cuja obra central, o *Guia dos Perplexos*, foi reeditada e comentada pelo próprio Fränkel em Dessau, quase 200 anos depois da última reedição. O próprio estilo pedagógico apaixonado de Fränkel, descrito como revolucionário pelos seus contemporâneos e alunos, por não se limitar à mera repetição e memorização dos textos religiosos, mas sim apelar ao seu pensamento crítico⁵¹, aponta para um certo cosmopolitismo, que poderia facilmente ter sido absorvido nos seus anos junto da comunidade sefardita de Hamburgo.

Em 1737, David Mirel Fränkel é chamado para ser rabino superior na pequena cidade de Dessau. É em casa de Fränkel, na província alemã e completamente afastado dos centros intelectuais da época, que o jovem Moses Mendelssohn toma, assim, contacto com a cultura e o pensamento sefarditas, tão caros ao seu professor. Mendelssohn era um aluno brilhante que aprendia o Talmud e os escritos judaicos com uma rapidez e uma motivação fora de série. Quando, em 1742, Fränkel publica a sua nova edição do *Guia dos Perplexos* de Maimónides, Mendelssohn corre a buscar um exemplar directamente à gráfica. O seu entusiasmo pelo estudo da obra do filósofo sefardita foi tal que ele irá atribuir, muitos anos mais tarde, a sua deformação física aos muitos dias e noites que passou encurvado a estudá-la:

Maimónides foi a razão do surgimento da minha aparência. Ele acabou com o meu corpo, e por culpa dele tornei-me debilitado. Apesar de tudo tive por ele um grande amor, pois ele transformou muitas horas da minha vida de sofrimento em alegria; e

⁵¹ Tree, *op. cit.*, p. 11.

mesmo quando ele sem querer me fez mal, na medida em que enfraqueceu o meu corpo, compensou tudo isso sete vezes mais, pois curou a minha alma através dos seus elevados ensinamentos.⁵²

Mas que obra era essa? Uma das preocupações centrais deste filósofo sefardita é a importância da linguagem, pela interpretação correcta de certos termos que são usados na Bíblia, e a união de linguagem e racionalidade. Maimónides defende que o bom uso da linguagem é a premissa necessária através da qual se prova a ligação entre a tradição judaica e a Razão. Esta postura era de tal modo arrojada para o seu tempo que foi interdita a leitura deste livro a menores de vinte e cinco anos⁵³.

Quando, em Junho de 1743, Fränkel é chamado para ser rabino em Frankfurt an der Oder, Moses Mendelssohn, então com catorze anos, decide segui-lo. A morte repentina do rabino de Berlim faz com que Fränkel seja, ao fim de alguns dias, transferido para Berlim para o substituir no cargo; é aqui que se lhe irá juntar, no Outono desse ano, Moses Mendelssohn⁵⁴. Com ele levará o gosto pelas discussões filosóficas, o interesse pela questão da linguagem, e a admiração sem fim pela cultura e pelos escritos sefarditas. Recém-chegado, Mendelssohn cedo se faz notar no círculo intelectual berlinense, quer judaico quer cristão, acumulando as funções de contabilista de uma fábrica de sedas com o papel de intelectual brilhante, que começava os seus dias com discussões filosóficas, políticas e sociais em sua casa, abertas diariamente das 7 às 9, a quem o quisesse visitar. Trava conhecimento com Benjamin de Lemos que, sendo sefardita português e de uma tradição culta, encaixa perfeitamente nos ideais de Mendelssohn e rapidamente se tornará seu médico de família.

⁵² Tree, *op. cit.*, p. 12: “Mamonides war der Grund zur Entstellung meiner Erscheinigung. Er verdarb meinen Leib, und seinetwegen wurde ich schwächlich. Trotz alledem brachte ich ihm große Liebe entgegen, denn er verwandelte viele Stunde meines Lebens vom Leid zur Freude; und wenn er mich auch unabsichtlich Böses antat, indem er meinen Körper schwächte, so machte er es siebenfach wieder so gut, indem er durch seine erhabenen Lehren meine Seele heilte”.

⁵³ Thomas Lackmann, *Das Glück der Mendelssohns. Geschichte einer deutschen Familie*, Berlin, Nicolai, 2015, p. 25.

⁵⁴ Christoph Schulte, *Die jüdische Aufklärung: Philosophie, Religion, Geschichte*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 176-179.

O Português como motor histórico: língua e sotaque no iluminismo judaico

Num interessante e exaustivo estudo sobre o fascínio oitocentista pela cultura sefardita (em especial por parte dos mentores da *Haskala*), o investigador John M. Efron, da Universidade de Princeton, defende que existiu na Alemanha, no fim do século XVIII, entre os eruditos judeus e seus simpatizantes, uma clara preferência pela cultura sefardita em relação à asquenazita, e que tal teria razões históricas e também fonéticas⁵⁵. De facto, o movimento iluminista judaico acompanhou uma certa ideia europeia de promover a standardização da palavra falada e escrita. Tanto o domínio de várias línguas, como era a regra na comunidade hebraica, como os sotaques particulares de quem as falava, tornou-se um marcador importante do estatuto social, económico e religioso dos judeus. O sotaque punha à vista a origem geográfica e o *background* cultural do seu detentor e, por essa razão, praticamente todos os que se preocupavam em modernizar o Judaísmo e entranhá-lo com as luzes da Razão voltaram a sua atenção para a forma como os judeus falavam e como essa maneira de falar era apreendida pelos ouvintes. E como era apreendida essa fala? No século das Luzes, a língua falada pelos judeus alemães – o *yiddisch* – era considerada depreciativamente, aos ouvidos da sociedade cristã, como sendo uma sucessão de sons desagradáveis, uma imitação macarrónica e mal conseguida da boa língua alemã. Esta alegada incapacidade de articular com clareza o Hochdeutsch era uma das muitas imperfeições atribuídas aos judeus, que mostravam claramente, na perspectiva dos cristãos, que este povo só podia ter sido rejeitado por Deus. O falar característico dos judeus era satirizado em inúmeras peças de teatro, e associado a sons agudos e nasalados, próprios de um povo pouco civilizado⁵⁶. A própria forma de falar era considerada barulhenta e imperceptível. A percepção cristã do *yiddisch* enquanto “ruído” e da pronúncia dos judeus asquenazitas enquanto “barulhenta” manteve-se ao longo dos séculos e veio-nos transmitida até aos dias de hoje. É disso exemplo a expressão alemã, hoje em dia compreensivelmente em desuso, de fazer “barulho como numa sinagoga” (*ein Lärm wie in einer Judenschule*), para definir uma grande confusão ou uma barulheira onde ninguém se entende.

⁵⁵ John M. Efron, *German Jewry and the allure of the Sephardic*, Princeton, Oxford, Princeton University Press, 2015.

⁵⁶ Efron, *op. cit.*, p. 33.

Os defensores da reforma do Judaísmo viram, então, o sotaque asquenazita como um impedimento à sua plena emancipação, pois prendia-os a uma imagem com a qual não se identificavam e contra a qual era preciso lutar. A elite hebraica começou, assim, a encorajar os judeus a desfazerem-se do seu sotaque e a substituí-lo pela pronúncia “doce” dos judeus sefarditas. Este chamado “orientalismo” foi ainda mais longe, a ponto de promover não só a pronúncia sefardita do hebraico, como de enaltecer, por arrasto, tudo o que era relacionado com a cultura e história dos sefarditas. Assiste-se então, no fim do século XVIII, sobretudo na Alemanha mas também um pouco por toda a Europa, a um aumento da circulação de textos filosóficos, científicos ou litúrgicos provenientes da Península Ibérica e à renovação dos judeus asquenazitas através da apologia dos modos sefarditas⁵⁷. O próprio Moses Mendelssohn irá traduzir, em 1782, a obra *Vindiciae Judaearum* (1656) do rabino português Menasseh ben Israel⁵⁸.

Para Moses Mendelssohn, que como vimos fez, desde cedo, suas as preocupações de Maimónides com o uso correcto da linguagem, “uma língua é o melhor indicador da educação, da cultura e do humanismo de um povo”⁵⁹. Para elevar o espírito de um povo ou de uma nação, é pois premente o uso cuidado da língua. Estas preocupações, transversais ao espírito iluminista em toda a Europa, serão alvo de especial atenção nos círculos da *Haskala* berlinense. Ultrapassar o cliché comportava para os judeus asquenazitas do fim do século XVIII um duplo desafio: por um lado, distanciar-se da pronúncia marcada e fortemente ridicularizada dos asquenazitas; por outro lado, mostrar a capacidade e propensão para a erudição da comunidade hebraica através da ponte com o passado erudito e os feitos intelectuais da comunidade sefardita do remoto Al-Andaluz. Não é, portanto, de estranhar que Moses Mendelssohn e demais mentores da *Haskala* se tenham debruçado tanto sobre a necessidade de bem articular o idioma e sobre o passado erudito dos sefarditas: estava em causa mostrar que o Judaísmo também era capaz de produzir pensamento crítico e que era perfeitamente compatível com uma craveira intelectual excepcional. É neste contexto de admiração pela

⁵⁷ Efron, *op. cit.*, p. 22 : “the litany of withering self-criticism was not the end of the story, for it represented the thesis whose antithesis was the Ashkenazic championing of the Sephardic culture, the synthesis was to be the refashioning of the Ashkenazic Jews by having them emulate Sephardic manners”.

⁵⁸ Michael Studemund-Halévy (dir.), *A Jerusalém do Norte. Sefardische Juden in Hamburg*, Hamburg, Helmut Buske Verlag, 1999, p. 31.

⁵⁹ Moses Mendelssohn, *Über die Frage: Was heißt aufklären?*, Berlinische Monatsschrift, n.º 4, 1784, pp. 193-200: “Ueberhaupt ist die Sprache eines Volks die beste Anzeige seiner Bildung, der Kultur sowohl als der Aufklärung, der Ausdehnung sowohl als der Stärke nach”.

cultura e variantes fonéticas dos sefarditas que a comunidade hebraica de Berlim, e em especial Moses Mendelssohn, vai acolher e acarinhar a família de Lemos.

Uma língua pura: A importância do português na ascensão social de Henriette Herz

Graças às preciosas investigações de Michael Studemund-Halévy⁶⁰, sabemos que, na comunidade sefardita de Hamburgo, havia uma clara predominância da língua portuguesa, que era usada não só como língua franca entre os seus membros (independentemente do seu país de origem) mas também enquanto língua de contacto com outras comunidades sefarditas. Sobretudo, o português tinha a exclusividade na liturgia: toda a celebração era feita apenas e só em português; as inscrições nas lápides estavam maioritariamente escritas em português, bem como os textos litúrgicos impressos. O português era, então, a língua da comunidade, em detrimento do castelhano, reservada para os grandes textos religiosos e literários e para o plano mais formal da discussão teológica. No dia-a-dia, o idioma dos sefarditas de Hamburgo era, assim, o português, sendo a pronúncia alemã forçosamente afectada por esta fonética de raiz portuguesa⁶¹.

O idioma falado em casa de Henriette dificilmente poderia ser o português, uma vez que a mãe de Henriette seguramente não o saberia falar. Mas não sabemos em que idioma se comunicava com o pai. Na geração de Henriette colocou-se, pela primeira vez, a questão do idioma nas comunidades hebraicas, tendo Moses Mendelssohn advogado o uso do alemão em vez do *yiddisch* como forma de integração. O hebraico era usado apenas no contexto religioso e não como língua corrente: uma menina “tinha de rezar em língua hebraica, sem entender o que rezava”⁶². É possível, por isso, que Benjamin de Lemos tenha instruído a sua filha em alemão, não sendo de excluir uma educação bilingue com *yiddisch*, por parte materna, e alemão, por parte do pai, com uma componente portuguesa

⁶⁰ Michael Studemund-Halévy, “Portugiesisch-Jüdische Gemeinden/Sefarden”, *Das Jüdische Hamburg – ein historisches Nachschlagewerk*. Ed. Institut für die Geschichte der deutschen Juden, Göttingen, Wallstein Verlag, 2006, pp. 209-212.

⁶¹ Sobre o uso do português na comunidade sefardita de Hamburgo, veja-se também: Florbela Veiga Frade, “A Importância do Português na «Nação Portuguesa de Hamburgo» e a Gramática Hebraica (1633) de Moshe Gideon Abudiente”, *WebMosaica*, vol. 5, n.º 2, 2013, pp. 82-95.

⁶² Herz, *op. cit.*, p.147: “Das Mägden mußte in hebräischer Sprache beten, ohne daß es verstand, was es betete”.

que estaria presente o suficiente para a fazer aprender este idioma que, segundo a investigadora Deborah Hertz, fazia indubitavelmente parte do rol de línguas que dominava⁶³. Mas há ainda outro argumento em favor da aprendizagem do português através do pai de Henriette.

Em 1920, o então decano da comunidade sefardita de Hamburgo Isaac Cassuto (1848-1923) escrevia:

Aqui em Hamburgo o português era, no princípio, a língua corrente e administrativa, na qual se rezava, negociava e correspondia com as comunidades estrangeiras [...] Nas famílias, o português manteve-se até mais ou menos meados do século XVIII, a partir daí o *Plattdeutsch* [o dialecto típico do norte da Alemanha e da cidade de Hamburgo (N. da A.)] ganhou vantagem; mas o português continuou em uso como língua administrativa, por assim dizer a língua da comunidade.⁶⁴

Ainda, segundo o testemunho de Isaac Cassuto no livro de Studemund-Halévy, até ao início do século XIX, os livros e registos da comunidade de Hamburgo e Altona eram escritos em português, e mesmo em 1812 há registo de que a escola hebraica da cidade ensinava o português a par do hebraico. Na viragem do século XVIII para o século XIX, com o aumento do antissemitismo, as famílias sefarditas saíram quase todas de Hamburgo para cidades mais tolerantes, como Amesterdão, ou então para o Novo Mundo, deixando para trás uma marca de dois séculos. O português entrou, assim, em franco declínio até desaparecer por completo. E todavia, apesar da dissolução da comunidade sefardita portuguesa, os membros que restavam continuaram a prezar a oralidade da sua língua mãe. Diz ainda Cassuto:

Na minha juventude, que remonta a meio século atrás, eu conheci pessoas como Joshua da Fonseca e Abraham de Abraham Benveniste, que ainda conseguiam falar parcamente o português. Por outro lado, era uso generalizado misturar palavras e expressões portuguesas na conversa corrente.⁶⁵

⁶³ Hertz, *Jewish High Society...*, *op. cit.*, p. 99.

⁶⁴ Michael Studemund-Halévy, “Plattdeutsch oder Portugiesienplatt”, *Portugal in Hamburg*. Ed. ZEIT-Stiftung Ebelin und Gerd Bucorius, Hamburg, Ellert & Richter Verlag, 2007, p. 173: “Hier in Hamburg war daher in der ersten Zeit das Portugiesische die Umgangs- und Amtssprache, die Sprache, in der gepredigt, verhandelt und mit auswärtigen Gemeinden korrespondiert wurde. (...) In den Familien dürfte sich das Portugiesische bis etwa um die Mitte des 18. Jahrhunderts behauptet haben, wo alsdann das Plattdeutsche die Oberhand gewann; doch stand ersteres als Amtssprache, sozusagen als Gemeindesprache, noch immer in Gebrauch”.

⁶⁵ Studemund-Halévy, *Portugal in Hamburg*, p. 173: “In meiner Jugendzeit, die jetzt ein halbes Jahrhundert

Ou seja, meio século antes deste relato, em 1870, havia em Hamburgo membros da família Benveniste que ainda sabiam falar português. Mesmo imaginando que o citado Abraham de Abraham Benveniste fosse um homem de proecta idade em 1870, ainda assim pertenceria, na pior das hipóteses, à geração a seguir à de Henriette, que nascera mais de cem anos antes.

É, portanto, legítimo pensar que Benjamin Benveniste de Lemos, pai de Henriette, nascido em Hamburgo em 1711 (cento e sessenta anos antes do exemplo acima), tivesse aprendido o português como língua materna e o falasse fluentemente. Essa aprendizagem do português como língua materna ter-lhe-ia dado uma “defesa natural” contra o detestado sotaque asquenazita, ao qual estava perfeitamente imune, uma vez que toda a sua fonética de origem vinha marcada pela raiz portuguesa. Nesta perspectiva, não é inócua a referência explícita de Henriette à forma de falar do pai: “a sua língua era pura, pois os israelitas portugueses não têm de forma alguma o vocabulário ou as inflexões dos judeus”⁶⁶. Quer ao nível de vocabulário, quer ao nível do sotaque, a forma de falar do seu pai distinguir-se-ia da dos demais judeus. Esta “língua pura”, ou sem sotaque asquenazita, de Benjamin de Lemos, e por arrasto da sua filha Henriette, terá sido, assim, um factor decisivo para a sua rápida integração nos círculos eruditos de Berlim. Henriette sabia-o, e deixou-o registado nas suas memórias.

Por outro lado, o próprio facto de pertencerem à comunidade sefardita, com um passado recente ainda em Portugal, e a uma família ilustre de médicos e rabinos, poderá ter tido peso nessa integração. Não é por acaso que as memórias de Henriette Herz começam com a frase inequívoca: “O meu pai era judeu português”⁶⁷. Esta afirmação, a encabeçar o relato de toda uma vida recheada dos mais ilustres encontros, e repetida algumas páginas depois, para que não restem dúvidas (“O meu pai era, como já disse acima, um judeu português e viveu em Hamburgo até ir para a escola superior”⁶⁸), expressa, antes de mais, um sentimento de pertença: é daqui que eu venho, é esta a minha raiz. O revivalismo da cultura sefardita, que tanto fascinava Moses Mendelssohn, não terá, com

zurückliegt, kannte ich noch einige wie Joshua da Fonseca und Abraham de Abraham Benveniste, die das überlieferte Portugiesisch notdürftig sprechen konnten. Dagegen war es gang und gäbe, portugiesische Wörter und Redensarten in die Unterhaltung einzuflechten”.

⁶⁶ Herz, *op. cit.*, p. 151: “seine Sprache war rein, wie denn die portugiesische Israeliten überhaupt den jüdischen Jargon und Ton nicht haben”.

⁶⁷ Herz, *op. cit.*, p. 142: “Mein Vater war portugiesischer Jude”.

⁶⁸ Herz, *op. cit.*, p. 151: “Mein Vater war, wie ich schon oben gesagt, ein portugiesischer Jude u. hatte in Hamburg gelebt bis er die hohe Schule bezog”.

certeza, passado despercebido a Henriette Herz, ciosa da sua linhagem culta e que assinala, assim de forma lapidar e até com certo elitismo, o seu lugar no círculo da erudição.

Conclusão

A ascendência portuguesa de Henriette Herz é um acaso, na medida em que ela poderia ter nascido no seio de qualquer outra família; mas para a sua aceitação – e do seu pai – na sociedade berlinense, com subsequente ascensão meteórica como *salonnière*, e para o seu papel fulcral como motor da cultura de salão berlinense e difusão das ideias iluministas e pré-românticas, a sua origem sefardita foi simplesmente fundamental. Benjamin de Lemos, ao instruir a filha, ensinando-lhe línguas e inculcando-lhe o gosto pela leitura e pela erudição, está, no fundo, a transmitir a sua tradição familiar de ilustres sefarditas de Hamburgo, tão característica desta comunidade. A educação sefardita portuguesa de Henriette, zelosamente veiculada pelo seu pai, foi, desta forma, uma das alavancas que lhe permitiu brilhar como *salonnière* num momento histórico em que o sotaque dos sefarditas portugueses era visto como sinal de erudição e progresso, e a sua própria presença uma inspiração para os mentores da *Haskala*, preocupados em mostrar um certo passado brilhante judaico, porventura mítico, mas que ia de encontro aos propósitos emancipatórios dos judeus como dignos e competentes intelectuais ao mesmo nível dos cristãos. As raízes portuguesas de Henriette Herz foram o barro no qual se moldou o seu desempenho futuro. O salão literário de Henriette Herz – verdadeiro motor para a génese e propagação das ideias pré-românticas e modelo para tantos outros salões que se lhe seguiram – está, assim, intrinsecamente relacionado com a herança da cultura portuguesa. Sem esta herança, a história da *Haskala* judaica, dos salões berlinenses e provavelmente do próprio Pré-Romantismo alemão não seria a mesma.

É pois fascinante pensar que a herança portuguesa – cunhada de forma fonética na língua e no sotaque de toda uma série de indivíduos – tenha tido um papel importante, para não dizer decisivo, no desenrolar da cultura alemã do fim do século XVIII e contribuído, como fator determinante, para o estabelecimento de relações privilegiadas entre a família de Lemos e os círculos intelectuais e eruditos de Berlim, culminando com o estabelecimento da cultura de salão em Berlim no pioneiro salão de Henriette Herz e do seu marido Marcus Herz. E é assim que uma

descendente de judeus portugueses expulsos do seu país e fugidos da Inquisição, está séculos depois na linha da frente do Humanismo hebraico berlinense, de onde saíam nomes e ideias fundamentais do pensamento alemão.

Epílogo: escassez de estudos sobre Henriette Herz em Portugal

Se, na Alemanha, Henriette Herz é uma personalidade conhecida, havendo mesmo, no centro histórico de Berlim, perto da casa onde viveu, uma praça com o seu nome, já em Portugal constata-se a sua ausência nos estudos recentes sobre a diáspora sefardita na Alemanha, mesmo naqueles que fazem listagem de sefarditas portugueses ilustres⁶⁹. Também os livros editados em Portugal com referência a Marcus Herz⁷⁰ não fazem a ligação com a sua esposa Henriette. A que se deve esta omissão, não sabemos. Por um lado, a ausência nas listagens sugere o desinteresse por esta figura no meio académico português – apesar de existirem muitas publicações portuguesas sobre os sefarditas da Alemanha. Observa-se, também, uma tendência para procurar elementos ilustres dessas comunidades apenas no masculino (“Entre os homens de letras e ciências sobressaem os nomes de...”⁷¹, “Alguns dos notáveis homens das letras e das artes se destacariam na Alemanha sefardita”⁷²), o que relega, à partida, uma presença feminina para segundo plano. O facto de os inúmeros estudos existentes sobre Henriette Herz serem quase sempre feitos em alemão pode eventualmente representar um entrave linguístico ao conhecimento alargado desta personalidade

⁶⁹ Veja-se a este respeito os seguintes estudos, feitos em Portugal e nenhum deles incluindo Henriette Herz: A.A. Marques de Almeida (Dir. científica), *Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses. Mercadores e Gente de Trato*, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste/Campo da Comunicação, 2009; Jorge Martins, *Portugal e os Judeus*. Nova Vega e Autor, vol. 1, Lisboa, 2006; Maria Gil de Sousa, “Os Judeus no espaço alemão”, *Millenium – Revista do Instituto Politécnico de Viseu*, n.º 25, Janeiro de 2002. Disponível em www.ipv.pt/millenium/Millenium25/25_23.htm (consultado em 3-4-2016); Maria Helena Carvalho dos Santos (Coord.), *Os Judeus Portugueses entre os Descobrimientos e a Diáspora. Catálogo da Exposição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004; para além do já citado artigo de Florbela Veiga Frade, “A Importância do Português na «Nação Portuguesa de Hamburgo» e a Gramática Hebraica (1633) de Moshe Gideon Abudiente”.

⁷⁰ L. Ribeiro dos Santos, António Marques (Ed.), *Kant. Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

⁷¹ Martins, *op. cit.*, p.149.

⁷² Martins, *op. cit.*, p.147.

em Portugal fora do meio germanófilo⁷³. Por fim, essas investigações existentes, feitas maioritariamente na Alemanha ou nos EUA, centram-se, regra geral, na importância histórica de Henriette, mas não incidem especialmente na questão das raízes portuguesas, nem na sua relação causal com o seu percurso, que é o mote do presente texto. Espera-se, assim, que este artigo seja o ponto de partida para mais investigações que possam trazer elementos novos ao filão das raízes portuguesas no movimento iluminista e pré-romântico alemão e fazer jus ao papel importante de Henriette Herz e suas raízes sefarditas nas transformações intelectuais e sociais do seu tempo.

⁷³ Dentro dos estudos que referem Henriette Herz, destacamos, para além dos importantes livros de Michael Studemund-Halévy e Deborah Hertz, já mencionados neste artigo, ainda Bernt Engelmann, Sabine Kruse, *Mein Vater war portugiesischer Jude. Die sefardische Einwanderung nach Norddeutschland um 1600 und ihre Auswirkungen auf unsere Kultur*, Göttingen, Steidl, 1992, e os mais recentes Hannah Lotte Lund, *Der Berliner "jüdische salon" um 1800. Emanzipation in der Debatte*, Berlin/Boston, deGruyter, 2012 e Hannah Lotte Lund, Ulrike Schneider, Ulrike Wels (Ed.), *Die Kommunikations-, Wissens- und Handlungsräume der Henriette Herz (1764-1847)*, Göttingen, V&R unipress, 2017.